

Antes de morrer

A minha avó  
foi forte e brava, generosa, criativa  
inventando tudo: tricot bordados botões  
almofadas para agulhas em forma de coração,  
órfã de infância, namorava à janela em casa da tia  
esperando aprovação para casar, largou depois  
o país de barco com duas filhas pequenas  
e um marido propenso ao jogo e às amantes  
que morreu novo deixando em Luanda  
dívidas e revelações  
que praticamente desconheço:

“foi um bom marido, ele”  
dizia nos dias de lar retornada  
quando eu a levava ao quintal, tirando-a do buraco do sofá  
dando-lhe a ler estórias infantis sobre gratidão e morte:  
quando eu nasci! para onde vamos quando desaparecemos?  
dando-lhe o meu tambor xâmanico cor-de-rosa —  
que toca na fotografia, o cabelo negro manchado  
de raízes brancas, caída a poupa emproada  
de sempre os decotes vadios de seda florida  
aldrabices na conta quando convinha ao negócio  
brejeirice para despertar riso nas vizinhas  
reunidas à sua beira  
na loja nas excursões na bica do café Escorpião  
com um queque e meio pacote de açúcar dobrado  
para levar para casa, atravessando a rua:

a sala com a coleção de leques mais de cem abanicos  
pendurados no teto na parede nas prateleiras,  
o Jesus partido escolhido pela filha numa feira,  
“não quis outro brinquedo”, que beijava cada noite  
sussurrando preces, descrente de padres e médicos  
até ao fim, acreditando poder enganar “a velhice  
custa muito, filha”, sem nunca se queixar até o corpo  
sofrer a dor da carne cada dia frente à novela na TV  
no lar as velhas tortas cochilando boquiabertas  
as empregadas berrando bonacheironas maliciosas:  
“a Tereza é tesa”

a minha avó  
foi altiva, alegre, suspeitosa,  
dando-me bom dia em rima na porta do frigorífico,  
deitara-se de madrugada a costurar, fazia ajur há horas,  
dera comida aos gatos e milho aos pombos, atendera freguesas,  
airosa, girava nos saltos altos, as flores do vestido dançando,  
resposta fácil, riso pronto, consolo veloz, marcial, nunca se apaixonou

e em viúva tratava com desdém os inúmeros pretendentes,  
enviando-lhes carta modelo copiada pela empregada de balcão:  
desobrigada que a vida é livre e folga meu coração,  
falando mal e depressa, despeitosa iridescente  
ensinou-me a fazer trocos, dava-me  
morangos com leite condensado para mata-bichar

antes de morrer  
caiu, foi operada  
voltou ao lar de ambulância  
estava fraca sem fome no quarto dos doentes  
onde jaziam mês após mês velhas franzinas  
sob o lençol branco, persianas partindo a luz  
quando a visitava,  
antes de morrer  
dava-lhe eu de comer  
um iogurte com aroma e  
ela resistia fechava a boca gemia e  
lembrei o jogo de criança, uma colher por,  
sugeri meu irmão, suas filhas, eu mesma:  
“e esta para quem é, vovó?”  
“para o teu namorado”  
pisçou-me o olho, sabendo-me  
solteira, boa mulher:

bênçãos ao meu homem, que será alimentado.